

## HISTÓRIA DOS CONCEITOS E ENSINO DE HISTÓRIA: A HOMOSSEXUALIDADE NAS NARRATIVAS DE ESTUDANTES E PROFESSORES/AS

José Cláudio Leôncio Gonçalves<sup>1</sup>, Joaquim dos Santos, Zuleide Fernandes de Queiroz, José Brito da Silva Filho;

EEEP Governador Virgílio Távora. E-mail: [claudioleonciojg@gmail.com](mailto:claudioleonciojg@gmail.com); Universidade Regional do Cariri (URCA).  
E-mail: [c.joaquimsantos@yahoo.com.br](mailto:c.joaquimsantos@yahoo.com.br); Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail:  
[zuleidefqueiroz@gmail.com](mailto:zuleidefqueiroz@gmail.com); EEEP Maria Violeta A. de Alencar Gervaiseau. E-mail: [jbsfig@gmail.com](mailto:jbsfig@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho objetiva problematizar o conceito homossexualidade a partir das narrativas de estudantes e professores de ensino médio de uma Escola Estadual de Educação Profissional, localizada na cidade de Juazeiro do Norte/Ce. A pesquisa lança as seguintes indagações: de que modo os/as estudantes e os/as professores/as, sujeitos desta pesquisa, experienciam, interpretam e criam expectativas acerca da homossexualidade na contemporaneidade? Como eles compreendem as identidades de gênero e orientações sexuais? A metodologia utilizada consistiu-se na aplicação, análise e entrecruzamentos de um conjunto de narrativas escritas, construídas no segundo semestre de 2015 por trinta e quatro estudantes integrantes de uma determinada turma de 3º ano do ensino médio. Também foram produzidas e usadas três narrativas de docentes formados em disciplinas da área de humanas.

**Palavras-chave:** Consciência História, Ensino Médio, Homossexualidade.

### Introdução

No século XX, inúmeros foram os desafios e mudanças postas ao fazer historiográfico do mundo ocidental, sobretudo influenciados pelos movimentos intelectuais dos Annales e do Giro Linguístico e Cultural, que forçaram os historiadores a refletirem as suas práticas, a partir de questionamentos em relação aos objetos de estudos, as fontes, as abordagens, os temas, os métodos e a própria natureza do conhecimento histórico (IGGERS, 2010).

Em meio a este contexto de revisões dos paradigmas historiográficos destacamos o desenvolvimento, aproximadamente em meados do século XX, da chamada história dos Conceitos, campo de pesquisa que podemos definir “em primeiro lugar”, enquanto “um método especializado da crítica de fontes e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social e político” (KOSSELECK, 2006, p. 102).

Um dos principais expoentes deste campo foi o historiador alemão Reinhart Kosseleck (1926-2006), cuja investigação histórica se concentrou nas temáticas da história intelectual da Europa moderna e contemporânea e da teoria da História. Autor de obras como: *Crítica e crise. Um*

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, pela Universidade Regional do Cariri/Ce (ProfHistoria-URCA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

*estudo acerca da patogênese do mundo burguês* (1954) e *Futuro e Passado: Contribuição a semântica dos tempos históricos* (1979), foi também um dos co-organizadores do *Geschichtliche Grundbegriffe* (1971-1992), um dicionário histórico dos conceitos considerado “obra revolucionária no tocante a uma nova maneira teórico-metodológica de se pensar a relação dos homens com o tempo e a história” (PEREIRA; SANTOS, 2015).

Mas, quais necessidades historiográficas fizeram emergir uma história dos conceitos? Quais as exigências metodológicas mínimas requeridas? E, afinal, como podemos definir, dentro desta perspectiva, o próprio entendimento do que vem a ser um conceito histórico?

De acordo com Kosseleck, a especialização da história conceitual

(...) começou como uma crítica à tradução descontextualizada de expressões cronologicamente relacionadas ao campo semântico constitucional; em seguida, essa especialização pretendeu uma crítica à história das ideias, compreendida como um conjunto de grandezas constantes, capazes de se articular diferentes formas históricas sem qualquer alteração essencial (KOSSELECK, 2006, p. 104).

Neste sentido, os principais pontos criticados pela teoria conceitual kosseleckiana “estavam na baixa contextualização de ideias e conceitos utilizados no passado, no anacronismo daí derivado e na insistência metafísica da essencialidade das ideias” (JASMIN, 2005, p. 31).

Assim sendo, para novas formas de interpretações dos discursos são propostos também novos procedimentos para análises destas inscrições historicamente produzidas, fazendo-se obrigatório uma metodologia mínima, qual seja, “compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio de delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos de então” (KOSSELECK, 2006, p. 103).

Por conceito podemos então entender como algo não atemporal ou imutável, mas sim um produto cultural, passível de mudanças, cujas ressignificações da semântica de uma mesma palavra ou as mudanças de constituições linguísticas que reagem a determinados situações sociais e políticas (Idem, 1992), e possibilitam-nos interpretar as *estratificações do tempo* (Idem, 2014).

Em seu livro *Uma história dos conceitos*, Reinhart Kosseleck (1992) faz uma distinção que considera fundamental entre *conceito* e *palavra*. Embora ambos estejam ligados, o autor se refere ao primeiro como consequência de uma teorização/abstração que está para além da língua, pois é indicativo da realidade concreta, carregando dimensões sociais e políticas, ao mesmo tempo em que

é polissêmico, ou seja, nele se concentra uma multiplicidade de significados. Assim sendo, segundo o mesmo,

O sentido de uma palavra pode ser determinado pelo seu uso. Um conceito, ao contrário, para poder ser um conceito, deve manter-se polissêmico. Embora o conceito também esteja associado à palavra, ele é mais do que uma palavra: uma palavra se torna conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para as quais esta palavra é usada, se agrega a ela (Idem, 2006, p. 109).

Deste modo, consideramos a homossexualidade enquanto um conceito e não uma palavra apenas. Ao longo da história ocidental, a prática homossexual já foi revestida de conceitos e significados bem diferentes uns dos outros. Tais níveis linguísticos refletem o próprio “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa” associado a determinados períodos históricos (Idem, 2006).

Em uma breve análise histórica sobre a homossexualidade, percebemos associações com as ideias de crime, pecado, patologia, ao contrário da heterossexualidade “apresentada como norma, como sendo a sexualidade inerente à menina e ao menino” (SILVA; VIEIRA, 2009, p. 190). Por outro lado, temos as intensas lutas travadas, nas últimas décadas pelo movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) que vêm conquistando antigas reivindicações relacionadas aos reconhecimentos valorativos e direitos, como o da união civil, e ressignificando os sentidos em torno da homossexualidade.<sup>2</sup>

Nessa lógica, o ver e o dizer sobre as práticas homossexuais são constituídos historicamente a partir de mecanismos de força que organizam e delimitam conceitos e significados a partir de influências ideológicas, culturais, sociais, políticas e, da mesma forma, demarcando funções variadas de um mesmo conceito ou uma mesma prática. Assim, lançamos os seguintes questionamentos: de que modo os/as estudantes e os/as professores/as, sujeitos desta pesquisa, experienciam, interpretam e criam expectativas acerca da homossexualidade na contemporaneidade?

O presente trabalho, portanto, apresenta aproximações entre a história dos conceitos e o ensino de história, no século XXI. Objetivamos problematizar o conceito homossexualidade a partir das narrativas de estudantes e professores de ensino médio de uma determinada Escola Estadual de

---

<sup>2</sup> Sobre as trajetórias do movimento LGBT na Europa e na América Latina, ver Colling (2015). Sobre o caso brasileiro, ver Gorisch (2014).

Educação Profissional (EEEP)<sup>3</sup>, localizada na cidade de Juazeiro do Norte, na Região Metropolitana do Cariri, sul do estado do Ceará.

Nossas inquietações acerca da homossexualidade, entendida aqui como uma das expressões da sexualidade humana, partem das observações do cotidiano escolar que vivenciamos como docentes. Não é difícil perceber que a escola, lugar de entrecruzamentos da diversidade cultural, possui ainda muita dificuldade em trabalhar com a pluralidade, sobretudo em relação à temática de gênero e sexualidade. Como afirma Louro (2014),

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que estavam lá, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou meninos de meninas (LOURO, 2014, p. 61).

Partimos do pressuposto de que os sujeitos desta pesquisa possuem consciência histórica, quer dizer, saberes constituídos a partir de referências culturais vivenciadas através de conhecimentos cotidianos e/ou por meio da educação formal (CERRI, 2003). E que, quando problematizadas, podem tanto nos levar a uma compreensão de como estes se apropriam do conhecimento, como também que tipo de consciência sobre determinados conceitos ou práticas eles possuem, o que nos possibilita repensar práticas pedagógicas mais eficientes.

## **Metodologia**

Nossa metodologia se consistiu na aplicação, análise e entrecruzamentos de um conjunto de narrativas escritas, construídas, no segundo semestre de 2015. Trabalhamos com trinta e quatro narrativas de estudantes integrantes de uma turma de 3º ano do ensino médio, série eleita no intuito de perceber como os/as estudantes estão saindo do ensino básico; e, três narrativas de docentes da área de humanas. Elas foram elaboradas com base em perguntas que exploraram experiências, interpretações e expectativas acerca da homossexualidade na contemporaneidade. De igual modo, procuramos entender como os/as estudantes e os/as professores/as partícipes conceituam ou dão significados à relação entre pessoas do mesmo sexo e aos seus respectivos praticantes. Como critério de seleção da escola, recorreremos aos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio

---

<sup>3</sup> As EEEPs constituem um modelo de educação em tempo integral com ensino médio associado ao ensino técnico.

(ENEM) de 2014, no qual a instituição selecionada obteve o melhor resultado entre escolas públicas da Região Metropolitana do Cariri.

## **Resultados e Discussão**

Começamos explorando, a partir de questões objetivas, como os/as pesquisados/as definem a relação entre pessoas do mesmo sexo. Dentre algumas alternativas<sup>4</sup>, a maioria dos estudantes e dois professores destacaram ser o conceito de *homoafetividade* o mais apropriado. No entanto, outra parcela significativa de estudantes e outro professor consideraram não haver distinção entre os conceitos de *homossexualidade*, *homossexualismo* e *homoafetividade*. Neste último caso, observamos uma falta de compreensão das diferenças conceituais envolvendo a temática e reproduzindo, assim, uma visão preconceituosa.

De acordo com Gorisch (2014), na contemporaneidade, os termos politicamente corretos para tratar dos vínculos afetivos e sexuais entre homossexuais são as noções de homoafetividade e homossexualidade (GORISCH, 2014). Diferentemente do uso do termo homossexualismo, pois aborda tal tipo de relação como doença. É importante frisar que desde a década de 1980, o Conselho Federal de Medicina, no Brasil, deixou de tratá-la como um problema de saúde, apesar do termo ainda ser reproduzido pelo senso comum para se referir as relações homossexuais (ALVES; TSUNETO, 2013).

Apesar de uma parcela estudantil e um professor levarem em consideração a palavra homossexualismo, em nenhum momento demonstraram entender o significado da expressão como sinônimo de doença, como percebermos a partir de outra pergunta, por meio da qual buscamos observar como compreendem a atração afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo. Em meio às preferências apresentadas<sup>5</sup>, a maioria discente e o mesmo docente que outrora não demonstrou distinção dos conceitos, escolheram *opção*. Nesses termos, a homossexualidade é compreendida como uma questão de escolha, independente da natureza humana, conforme exemplificamos abaixo:

“Uma opção, onde só depende da escolha da pessoa e não de várias pessoas.”  
(Aluno/a)

<sup>4</sup> Homossexualidade; homossexualismo; homoafetividade; todas as opções anteriores; outras.

<sup>5</sup> Opção; condição (nasce com a pessoa); orientação (não concorda com a ideia de opção, porém também não considera que nascemos com uma orientação sexual definida, pronta e acabada); doença; crime; pecado; outra(s).

“Eu interpreto de forma bem natural, pois vejo isso como uma questão de escolha pessoal.” (Aluno/a)

Os/as outros/as dois/duas professores/as marcaram *orientação*, enquanto o segundo maior percentual entre os/as estudantes foi *pecado*. Neste último caso, evidencia-se outra questão, isto é, como a construção social do discurso religioso cristão reflete diretamente na organização das ideias estudantis, considerando a heterossexualidade como a expressão correta e natural do ponto de vista divino. Vejamos um exemplo:

“Para mim isto é errado e sempre foi, sei que tem muitas pessoas que não acreditam na bíblia, mas lá fala que isso é pecado porque o homem foi criado para a mulher assim como a mulher foi criado para o homem. Mas como muitas pessoas não tem fé nisso acham que tem sua própria liberdade para fazer isso e ter relações com pessoas do mesmo sexo.” (Aluno/a)

Por outro lado, compreendemos que, mesmo com algumas referências negativas a homossexualidade, muitos estudantes identificam que os homossexuais são merecedores da garantia do exercício da cidadania, como podemos observar,

“Os mesmos devem possuir os mesmo direitos e deveres futuramente. Como um indivíduo ‘normal’”.

“Que se continuarem lutando pelos seus direitos irão conseguir o seu espaço na sociedade.”

“Penso que pode melhorar essa ideia de preconceito com eles e que serão ótimos pais e mães, e que educarão a sua família muito bem, e não vejo nenhum problema de querer ser quem realmente é.”

“Terá uma maior quantidade, porque terão mais confiança para se assumir, serão mais respeitados e uma voz na nossa sociedade.”

“Também podem ser felizes.”

Podemos inferir que os/as mesmos/as têm consciência de que o respeito às diferenças são pontos essenciais na construção e efetivação de uma sociedade mais igualitária e justa. Alguns deles entendem que a afetividade transcende a questão sexual e que as pessoas podem ser plenas, independente de se enquadrarem na heteronormatividade.

Vislumbramos ainda como os/as estudantes demonstram confiança em relação ao futuro dos homossexuais, considerando que estes terão mais espaço e voz na sociedade, conquistarão mais *direitos, respeito e confiança para se assumirem* socialmente e, *serão ótimos pais e mães*<sup>6</sup>. Também há de se considerar a relevância dada, por parte dos/as pesquisados/as, a participação ativa dos

---

<sup>6</sup> Dizeres de estudantes.

homossexuais na conquista de seus direitos e reconhecimentos valorativos, destacando-os enquanto sujeitos históricos e legitimando as ações do Movimento Social LGBT (não obstante, esta sigla não seja mencionada nas suas falas).

Porém, quando se trata da participação efetiva estudantil no futuro homossexual e na luta pelos direitos homossexuais, os/as discentes demonstram um abismo entre o que pensam e como podem agir. Isto é, enxergam com legitimidade a luta por tais direitos, mas não se veem como partícipes destas lutas. Além disso, três estudantes apontaram um horizonte de expectativa no qual *sempre haverá preconceito*<sup>7</sup>. Neste raciocínio, observamos um discurso determinista e unilateral que nega também a própria historicidade do preconceito, portanto, do próprio conceito, bem como desconsidera o poder de transformação dos sujeitos históricos, especialmente dos próprios entrevistados (KOSSELECK, 1992, 2006).

Diferentemente dos/as alunos/as, os/as professores/as majoritariamente não só reconheceram a cidadania e demonstram confiança e tolerância para com os homossexuais, como também foram mais além e se perceberam como participantes do processo de construção do bem viver social destes. Inclusive, considerando as próprias necessidades como professores/as de participarem deste processo desenvolvendo discussões de gênero e sexualidade na escola como uma possibilidade das pessoas conhecerem, de forma menos preconceituosa, a temática da homossexualidade e, de tantas outras necessárias, para se combater as injustiças e desrespeitos aos direitos e a dignidade humana. Observemos:

“Uma oportunidade para repensar a eficiência da legislação sobre o assunto é discutir prováveis saídas para que a lei consista a todos independente de opção sexual”.

“Encaro como experiências comuns ao nosso tempo(...)Acredito que caminhamos para que haja conquistas com relação aos direitos individuais, conseqüentemente isso poderia melhorar a vida dos homossexuais em questões básicas do dia a dia. No entanto, vivemos um momento difícil nas discussões políticas do momento, que impõem dúvidas ao que de fato alcançaremos. Penso que como professora de História, tenho oportunidade de intervir na construção de uma sociedade que se pretenda mais aberta ao diálogo. São muitos os alunos(as) por mim alcançadas, e que a partir disso posso trabalhar história e socialmente nas aulas, no meu convívio cotidiano. e isto reflete um maior contato com a questão. De uma forma geral, percebo professores mais atentos à aceitação, pena que não compõe o todo ainda”.

“Com naturalidade(...) Um caminho com muitas barreiras a serem enfrentadas, pois o preconceito ainda é comum. Mas cada um deve fazer a sua parte, nas lutas pelos direitos humanos, pela a igualdade e garantia dos direitos individuais”.

---

<sup>7</sup> Dizeres de um/a estudante.

## Conclusões

A partir do exposto, é possível inferir que na atualidade concorre simultaneamente uma diversidade de significações para as práticas entre pessoas do mesmo sexo. Entre os/as estudantes e um professor, notamos à falta de compreensão histórica das diferenças conceituais envolvendo a homossexualidade, reproduzindo-se uma visão preconceituosa. Evidenciou-se também como a construção social do discurso religioso cristão reflete diretamente na organização das ideias estudantis. Muitos estudantes ainda demonstram confiança em relação ao futuro dos homossexuais, porém, não se veem como partícipes das lutas pelos direitos destes, diferentemente dos/as professores/as que não só demonstraram confiança e tolerância, como também se perceberam parte do processo de cidadania dos homossexuais.

Além disso, compreende-se a necessidade de um ensino de história que inclua e discuta questões de gênero e sexualidade, e, a partir de uma abordagem que leve em consideração à historicidade do conhecimento, portanto, também dos conceitos, por meio das análises e questionamentos das fontes, da compreensão dos contextos históricos específicos que os construíram, bem como, dialogando com a realidade histórica local, regional e global do tempo presente. Nesse caminho, poderemos significativamente “abrir espaço para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas” um dos imensos desafios que a escola precisa enfrentar (MOREIRA; CANDAU *apud* CANDAU, 2013, p.16).

## REFERÊNCIAS

ALVES, E. F.; TSUNETO, L. T. A orientação homossexual e as investigações acerca da existência de componentes biológicos e genéticos determinantes. *Scire Salutis*, Aquidabã, v.3, n.1, p.62-78, 2013. Disponível em: <http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/artigo%202013%20evertonalves%20homossexualidade%20e%20componentes%20biologicos.pdf>. Acesso em: 02 de maio de 2016.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In. CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.); *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10. Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013.

CERRI, L. F. Fronteiras Interdisciplinares do Ensino de História. IV Seminário Perspectivas do Ensino de História, 2003, Ouro Preto. *Anais do IV Seminário Perspectivas do Ensino de História*, 2003. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT1502.htm>. Acesso em: 24 de agosto de 2015.

COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador: EDUFBA, 2015.

GORISCH, Patrícia. *O reconhecimento dos direitos humanos LGBT: de Stenowall à ONU*. Curitiba: Appris, 2014.

IGGERS, Georg. *Desafios do século XXI à historiografia. História da Historiografia*. Ouro Preto, Número 04, março de 2010, p. 105-124.

JASMIN, Marcelo Gantus. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2005, vol.20, n.57, pp.27-38. ISSN 1806-9053. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092005000100002>.

KOSSELECK, Reinhart. *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1992, p. 134-146.

\_\_\_\_\_. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estratos do tempo – Estudos sobre história*. Rio de Janeiro, Editora PUC Rio, 2014.

LOURO Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma abordagem pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PEREIRA, Luisa Rauter; SANTOS, Mariana Louzada dos. *Tempo Histórico na Teoria de Reinhart Koselleck*. Abril de 2015. Disponível em <<http://www.laboratoriovirtualdeteoria.com.br/2015/04/14/tempo-historico-na-teoria-de-reinhart-koselleck/>> Acesso em 06. 01. 2017.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 17-36.

SILVA, Aline Ferraz da; VIEIRA, Jarbas Santos. Pelo sentido da vista: um olhar gay na escola. *Currículo sem Fronteiras*, on-line, v.9, n.2, pp. 185-200, Jul/Dez 2009. Disponível em: [http://www.obs\\_lgbt.furg.br/index.php/biblioteca/teses.html#](http://www.obs_lgbt.furg.br/index.php/biblioteca/teses.html#). Acesso em: 02 de maio de 2016.

ZAMBONI, Ernesta. Lugar do conhecimento histórico na formação dos jovens. In: CARDOSO PACHECO, Heloísa H.; PATRIOTA, Rosangela (Orgs.). *Escritas e narrativas históricas na contemporaneidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011, p. 23-30.